

# Jovens rurbanos e mediações tecnológicas: práticas e convivências sociais contemporâneas

Young «rurban» people and technology mediations: practices and contemporary social coexistence

Nilda Jacks,\* Mariangela Machado Toaldo,\*\*  
Jane Marques\*\*\*

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

✉ njacks@terra.com.br

\*\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasi.

✉ mariangela.toaldo@ufrgs.br

\*\*\* Universidade de São Paulo, Brasil.

✉ janemarq.each@gmail.com

**RECIBIDO:** [19.9.2017]

**ACEPTADO:** [29.10.2017]

## Resumo

O artigo aborda práticas e convivências sociais entre jovens «rurbanos», visando a identificar como se dão suas relações e em que âmbitos, mediadas ou não pelas tecnologias digitais. Explora-se empiricamente a experiência de 17 jovens de um pequeno município no Sul do Brasil, inseridos na área urbana, rural e costeira, sendo que alguns pertencem a uma comunidade quilombola. Articula-se a noção de juventude com a de rurbanidade para tentar desvendar as práticas juvenis do «Brasil Profundo». Compreende-se que, em um território «rurbano», como o município de Tavares, a Internet pode ser considerada um dos importantes elementos que «urbanizaram» os modos de vida. A mediação tecnológica promoveu ainda mais a possibilidade de conexão dos jovens, não só localmente, mas também com a esfera mundial, ampliando e enriquecendo suas práticas e convivências sociais. Indicam-se modos e âmbitos delas entre os jovens e seus relacionamentos sociais e familiares, possibilitados pelos meios de comunicação tradicionais e digitais.

**Palavras-chave:** Brasil, jovem rural, jovem urbano, internet, comunicação interpessoal.

## Abstract

This article discusses practices and social coexistences among "rurban" young people, aiming to identify how their relationships happen and in which scopes, mediated or not by digital technologies. It empirically explores the

experience of 17 young people who live in a small district in the South of Brazil, inserted in urban, rural and coastline areas, considering that some of them belong to a "quilombola" community. It articulates the notion of youth with the notion of "rurbanity" to try to unravel juvenile practices of the "Deep Brazil". It is understood that, in a "rurban" territory, as it is the Tavares district, the Internet can be considered one of the most important elements that "urbanized" the population's ways of life. The technological mediation has further promoted the possibility of connecting Tavares' young population not only with their local environment, but also with the global sphere, expanding and enriching their practices and social coexistences. It indicates ways and scopes of young people's coexistence with their social and family relationships, made possible by both traditional and digital media communication.

**Key-words:** Brazil, rural youth, urban youth, internet, interpersonal communication.

## Resumen

El artículo aborda prácticas y convivencias entre los jóvenes *rurbanos* con el fin de identificar cómo se dan sus relaciones, mediadas por las tecnologías digitales o no, y en qué ámbitos. Se exploran de manera experimental las vivencias de 17 jóvenes en un pequeño municipio del sur de Brasil, insertos en las zonas urbanas, rurales y costeras, teniendo en cuenta que algunos pertenecen a una comunidad quilombola. Se vincula la noción de *juventud* con la de *rurbanidad* para tratar de descifrar las prácticas juveniles del *Brasil profundo*. Se entiende que en un territorio *rurbano* como el municipio de Tavares, Internet puede ser considerado como uno de los elementos más importantes que *urbanizaron* las formas de vida. La mediación tecnológica promueve aún más la posibilidad de conexión entre los jóvenes, no solo a nivel local sino en la esfera global, ampliando y enriqueciendo sus prácticas, como también sus convivencias sociales. Se indican los modos y ámbitos que los jóvenes establecen sus relaciones sociales y familiares, posibilitados por los medios de comunicación tradicionales y digitales.

**Palabras clave:** Brasil, joven rural, joven urbano, internet, comunicación interpersonal.

---

## Introdução

O texto apresenta dados iniciais da pesquisa *Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência – segunda etapa: o «Brasil Profundo»*, que investiga o consumo midiático, as práticas e as experiências de jovens brasileiros que vivem distantes das regiões metropolitanas e pertencem a grupos sociais específicos (urbanos, rurais, costeiros e quilombolas,<sup>1</sup> entre outros).

---

1 «Quilombolas são os atuais habitantes de comunidades negras rurais formadas por descendentes de africanos escravizados, que vivem, na sua maioria, da agricultura de subsistência em terras doadas, compradas ou ocupadas há bastante tempo» (Gaspar, 2011). Em menor quantidade, há quilombos urbanos.

«Profundo» é uma noção que Bonfil Batalla (1990) cunha ao percorrer a história e a civilização mexicanas, compostas de duas vertentes – a indígena e a ocidental –, para tratar da sociedade mexicana contemporânea. O autor chama de Profundo justamente o México composto pela civilização pré-colombiana, ou mesoamericana, e, por sua vez, de México Imaginário aquele fundado na civilização ocidental, o qual sustenta o modelo de desenvolvimento atual, que sobrepõe outras formas possíveis de desenvolvimento.

O enfrentamento de grupos que fazem parte dos «dois Méxicos» nem sempre tem sido pacífico e é resultado da história colonial, não superada com a independência do país do jugo espanhol. O México Profundo é a civilização negada, formada por uma diversidade de culturas, comunidades e setores sociais que constituem a maioria da população daquele país.

Brasil e México não têm a mesma história, pois nossos indígenas não possuíam as mesmas condições quando foram «descobertos» pelos portugueses, e, por isso, acredita-se que o «Brasil Profundo» teria outra dimensão e configuração. A expressão, portanto, é tomada como inspiração para adentrar ao interior do país na tentativa de conhecer um pouco da realidade dos jovens que vivem distantes das regiões metropolitanas e que pertencem a grupos sociais específicos. Assim, a busca desse Brasil não se restringe ao universo indígena em contraposição a um Brasil Imaginário, o qual, seguindo Bonfil Batalla (1990), seria o Brasil ocidental, forjado pela cultura europeia trazida pelos portugueses e pelas subsequentes ondas migratórias.

O «Brasil Profundo» tende, pelo menos parcialmente, a se sobrepor a uma noção também adotada neste artigo, a qual seja, a de rurbano (Cimadevilla, 2010), que trata de realidades que mesclam aspectos de áreas rurais em áreas urbanas e vice-versa.

Nesses contextos híbridos, socioculturalmente compostos e complexos, Cimadevilla (2010: 84) propõe trabalhar com as mediações «barberianas» (Martín-Barbero, 1987), as quais exploram a sociabilidade, as instituições, a tecnicidade e os rituais que constituem os fenômenos sociais, para se compreender a densidade de suas articulações e interfaces. São mediações que ganham maior ou menor relevância de acordo com os objetos e fenômenos estudados.

A intenção de investigar jovens residentes em cidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é o caso de Tavares (RS), justifica-se pelo fato da pesquisa anterior (Jacks *et al.*, 2015) ter explorado as práticas de jovens metropolitanos. O conhecimento das práticas juvenis nesses dois universos tão distintos implementará informações sobre as diferenças e semelhanças implicadas nesses contextos e nas rotinas relativas a cada um deles e, mais especialmente, sobre as práticas culturais e midiáticas a partir dos recursos a que esses jovens têm acesso.

Percebeu-se, de antemão, que os dispositivos tecnológicos e as redes sociais digitais, inseridos nas vivências desses jovens, proporcionam significativas modificações nas relações que estes desenvolvem com a mídia, estimulando novas sociabilidades e diferentes maneiras de inserção social. Martín-Barbero (2010, 2014) observa que a

tecnologia se torna mediadora de suas relações e contribui de forma importante para a manutenção de laços, vínculos, crenças e costumes, colaborando para a sustentabilidade cultural no contexto de vivência.

Interessa-nos, aqui, analisar as relações dos jovens, residentes em Tavares (RS), com os recursos midiáticos, em especial suas práticas de comunicação e as maneiras de estar em contato, de «fazer com» (De Certeau, 1994), a partir delas. Pretendemos analisar práticas e convivências sociais entre jovens «rurbanos», visando a identificar como acontecem suas relações e em que âmbitos, mediadas ou não pelas tecnologias digitais.

Os dados apresentados nesse artigo são relativos à fase exploratória da pesquisa, os quais serviram para preparar as fases seguintes, desenvolvidas em quatro municípios, de pequeno porte, localizados em distintas regiões culturais e geográficas do estado do Rio Grande do Sul. Todos os quatro possuem menos de 2 mil habitantes, sendo que em cada um deles foi selecionado um segmento de jovens: pescadores (Porto Vera Cruz), quilombolas (Pedras Altas), rurais (Itati) e urbanos (Turuçu). Gostaríamos de destacar que esta pesquisa tem âmbito nacional e que em cada um dos 26 estados brasileiros há equipes realizando a pesquisa, a partir de um protocolo comum.

Na etapa exploratória realizamos uma pesquisa de cunho etnográfico com uso de técnicas de observação e de entrevista aberta. A observação foi desenvolvida, como indicamos acima, na cidade de Tavares (RS) e nas localidades próximas em que moram jovens rurais, pesqueiros e quilombolas, a fim de dar conta da análise do contexto e da situação vivida pelos jovens abordados. As entrevistas foram desenvolvidas com 17 (dezesete) jovens de ambos os sexos, entre 18 e 24 anos, sem definição de camadas sociais, nem de grau de instrução. Entrevistamos jovens urbanos, rurais, pesqueiros e quilombolas, além de 8 (oito) informantes, moradores da cidade e das localidades, a fim de conhecer o contexto juvenil local. Os dados das entrevistas, apresentados neste artigo, referem-se apenas às falas dos jovens e foram analisados por meio do *software* NVivo,<sup>2</sup> indicado para análise de dados qualitativos.

O texto apresenta, a seguir, os referenciais teóricos que embasam os conceitos adotados na pesquisa: práticas sociais e ciberculturais, mediação tecnológica, juventudes e rurbanidade. Em seguida, expõem-se os dados analisados sobre lugares e âmbitos de convívio dos jovens com suas relações, bem como sobre a mediação tecnológica nas suas convivências.

---

2 NVivo é um *software* que permite fazer análise de conteúdo a partir de dados não estruturados de pesquisa. Ele facilita a geração de contagem e nuvens de palavras, a análise fatorial etc.

## Juventude e rurbanidade: dois conceitos entrelaçáveis

Margulis e Urresti (2008: 29) propõem a noção de juventude a partir de «[...] um leque de modalidades culturais que se desenvolvem com a interação das probabilidades parciais dispostas pela classe, pelo gênero, pela idade, pela memória incorporada e pelas instituições».

Para os autores (Margulis e Urresti, 2008), existem dois âmbitos envolvidos na condição juvenil: sua cronologia enquanto «moratória vital», condição física de sua existência (corpo, energia, distância da morte), e a forma através da qual o indivíduo exterioriza esses aspectos que o constituem enquanto sujeito. Segundo eles, pode-se diferenciar os jovens dos não jovens pela «moratória vital», e os sociais e culturalmente juvenis dos não juvenis por meio da «moratória social»: «[...] terá mais possibilidade de ser jovem todo aquele que possua esse capital temporal como condição geral» (Margulis e Urresti, 2008: 20). A moratória social implica em favorecer ao jovem explorar seu capital temporal, por meio da oportunidade de estudar, de aproveitar o tempo livre, de postergar suas preocupações com as responsabilidades referentes ao trabalho e à vida em família. Esse contexto social protetor garante ao jovem utilizar/representar os signos sociais do que se considera por juventude.

Margulis e Urresti (2008) consideram, assim, que se podem identificar jovens não juvenis, justamente pela falta de moratória social a qual garantiria a eles exercer o que lhes seria próprio nessa fase da vida, explorando uma infinidade de opções as quais lhes aparecem e gozá-las despreocupadamente, e exteriorizando o que se conformou como próprio à fase juvenil. Essa condição não se expressa totalmente entre os jovens considerados neste artigo, os quais antecipam a vida adulta por circunstâncias determinadas por seus recursos financeiros, como será evidenciado mais adiante, ao apresentarmos os dados empíricos.

Por fim, Margulis e Urresti (2008) apontam a questão familiar como uma importante questão sociocultural imbricada na condição juvenil e consideram que as classes populares, pelo estilo de vida mais comunitário, integram mais facilmente diferentes gerações. A interação com indivíduos de mais idade proporciona, aos mais jovens, uma absorção de hábitos, experiências, expectativas e códigos correspondentes à fase adulta, mesmo eles ainda não sendo parte dela biologicamente (Margulis e Urresti, 2008).

Essas circunstâncias relativas à juventude ganham características especiais quando são considerados os contextos em que rural e urbano se entrecruzam de maneira mais estreita, como no caso de pequenos municípios do interior do Brasil. Nessas localidades, as zonas rural e urbana apresentam intersecções concretas reveladas, por exemplo, no convívio familiar e social que, por vezes, entrelaçam atividades afetivas com as produtivas, como exporemos mais adiante.

O município litorâneo de Tavares (RS) é caracterizado como «rural adjacente»<sup>3</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2017), apesar de ter maior parte de seus domicílios na área urbana (61,7%) (IBGE, 2010). O cultivo da cebola, a pecuária, a pesca<sup>4</sup> e a extração de pinus são atividades que têm destaque na economia local. Cabe destacar que essa cidade tem poucas oportunidades profissionais para os jovens, além das mencionadas e da prestação de serviços básicos. Considerando as práticas familiares desenvolvidas no âmbito desta pesquisa, é comum que os mais jovens aprendam com os pais e aos poucos assumam os ofícios deles, seja no cuidado com as tarefas domiciliares, seja no reforço nas atividades do campo e da pesca.

As interfaces, por vezes estabelecidas entre as atividades e convivências que mesclam as referidas práticas, interconectam as zonas rurais e as urbanas do município, uma vez que muitos vivem na zona urbana e trabalham na zona rural e vice-versa. Assim, para a melhor compreensão sobre o contexto de Tavares (RS), adota-se o que Gustavo Cimadevilla (2008, 2010, 2014) nomeia de «rurbano». O antecedente conceitual da expressão vem dos «[...] trabajos de Galpin (1918), sociólogo norteamericano, que se ocupó de analizar las áreas en las que, debido al crecimiento urbano, lo rural se modifica, dando lugar a nuevos rasgos de síntesis: ni rural ni urbano, sino rurbano» (Cimadevilla, 2010: 75).

Nessas condições, há várias trocas culturais, o que Burke (2003) denomina por «hibridismo cultural» ou «mosaico cultural», isto é, podem ter várias formas de delineamento através da diversidade de referências próprias de cada contexto, que, ao se mesclarem, produzem algo diferente e ao mesmo tempo comum entre eles. «Todo sistema abierto a intercambios entre diferentes incluye la hibridación e interpenetración. No somos, entonces, tan sólo urbanos o rurales» (Cimadevilla, 2008). Atualmente, a adoção das tecnologias da comunicação marca, em parte, características de urbanidade em áreas rurais, o que abre um flanco para intercâmbios de experiências comuns nos dois contextos, como abordamos a seguir.

Nesse cenário, pretendemos analisar as configurações das práticas e das convivências sociais dos jovens na intersecção de seus contextos de vivências, mediadas ou não pelas tecnologias, baseadas no conceito de rurbanidade, sendo esses indivíduos de diferentes localidades rurais e urbanas (Cimadevilla, 2008, 2010). Distintamente, termos como rural

---

3 De acordo com a nova proposta de classificação territorial do IBGE (2017), o Projeto Regiões de Influência das Cidades - REGIC (IBGE, 2017) destaca Tavares (RS) como um município rural adjacente, por sua distância ser igual ou inferior à média nacional, no que tange à densidade demográfica, à localização em relação aos principais centros urbanos e ao tamanho da população.

4 Atualmente, essa prática é muito restritiva, o que fez com que vários pescadores tivessem que buscar outras opções ou se conformarem com menos recursos. Cimadevilla (2014) investigou o interior da Argentina, que também passou por significativas alterações, inclusive de impacto econômico, destacando que isso precisa ser considerado ao se analisarem algumas localidades.

e urbano restringem o tratamento de questões acerca do espaço sociocultural construído na interconexão entre eles, por isso, tratarmos de «rurbanidade». O termo «rurbano», neste caso, serve para evidenciar condições rurais presentes na área urbana e vice-versa. Ou seja, não se trata da extinção do rural, mas da evidência de traços de ruralidade presentes nas cidades<sup>5</sup> ou aspectos de urbanidade nas áreas rurais.

Assim, partimos do pressuposto de que, residindo em uma área com características rurbanas, as práticas sociais e midiáticas dos jovens podem revelar especificidades que relacionam os dois âmbitos, sem refutar suas particularidades.

## Práticas e convivências juvenis: a mediação das tecnologias

Se há um denominador comum entre os dois primeiros termos do subtítulo acima, sem dúvida é a mediação tecnológica, visto que a mesma está amplamente instalada no cotidiano de vasta parcela da população juvenil, tanto no espaço urbano quanto no rural. No Brasil, em 2016, eram 26.587 milhões de assinaturas de banda larga fixa e 60.104 milhões de banda larga móvel (4G), segundo o Mídia Dados Brasil (2017), assim como 83% dos jovens de 15 a 19 anos e 79% de 20 a 29 anos possuíam *smartphones*. Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia – PBM (Secretaria Especial de Comunicação Social [SECOM], 2016), composta por 15.050 entrevistados, dos quais 5% residem em municípios de até 5 mil habitantes, que, por sua vez, compõem o conjunto de municípios considerados do interior (60% da amostra), revelam que os jovens entre 18 e 24 anos navegam diariamente na internet, em um total de 300 minutos por semana, e o acesso de 91% dos entrevistados é feito por celular.

Tomar a tecnologia como mediadora significa, aqui, considerá-la, como o faz Martín-Barbero (2003), como configuradora e não como determinante das práticas e convivências dos jovens que estamos pesquisando. Ela é tomada no contexto e nas situações socioculturais, portanto, densamente pautada pelo significado emprestado por esses âmbitos e pelo sentido dado pelos jovens ao usá-la.

Por sua vez, práticas estão sendo entendidas de modo geral (Comte-Sponville, 2003), ou seja, tanto as sociais, que envolvem as que se dão no cotidiano – no meio familiar, na vizinhança, no trabalho, na escola, entre amigos –, como especificamente

---

5 Ao analisar áreas urbanas que carregam características próprias das zonas rurais (Cimadevilla, 2008, 2010; Cimadevilla, e Carniglia, 2009; Cimadevilla, Demarchi, e Galimberti, 2011; Galimberti, e Cimadevilla, 2016; Trimano, 2012) houve a constatação de que esse processo resulta em outra(s) particular(es) situação(ões), haja vista não se considerar o resultado como uma simples contaminação de hábitos sociais e/ou culturais.

as vinculadas ao consumo cultural e midiático (Toaldo e Jacks, 2014), o que inclui as ciberculturais (Jacks, Toaldo, e Oikawa, 2016). Isso porque já não se pode desconsiderar que todas estão perpassadas pelas tecnologias digitais, que há muito são tratadas no âmbito da sociedade em rede (Castells, 1999), do terceiro entorno (Echeverría, 1999), do biosmidiático (Sodré, 2006), da tecnicidade (Martín-Barbero, 2010), da midiatização (Verón, 1997), dentre outros conceitos.

No sentido genérico, recuperamos aqui autores considerados como os pioneiros na teorização das práticas sociais. De Certeau (1994) diria que elas são as artes de fazer, Bourdieu (1974) que são resultado do *habitus*, e Giddens (2003), da consciência prática, da rotina, recursividade que garante a segurança ontológica. Stones (2010) ainda inclui Jürgen Habermas, com sua noção de «mundo da vida», que estaria em contraposição ao sistema social, no mesmo âmbito das discussões promovidas por Giddens e Bourdieu, os quais consideram o conhecimento dos agentes, como também faz a etnometodologia, aliando-o às bases sociais que o originou. Tudo estabelecido no cotidiano e não circunscrito apenas às ações relativas ao mundo do trabalho como propunham os marxistas (Comte-Sponville, 2003). Ou seja, seguimos a mesma direção que Rob Stones (2010) as define: práticas humanas, como aquelas que as pessoas fazem individualmente e, no âmbito coletivo, como práticas sociais, que têm caráter compartilhado com membros de um determinado grupo.

Em seu conjunto, essas perspectivas destacam a reflexividade e a criatividade inerentes à interação dos sujeitos, assim como as dos jovens, destacadas a seguir. Estamos nos referindo ao conhecimento acumulado que norteia adequadamente as práticas dos atores frente a determinadas situações sociais (práticas-padrão), conjunto de competências, habilidades e compromissos morais vinculados às rotinas dos atores, e o papel do conhecimento tácito na produção de práticas sociais.

## **Lugares e âmbitos de convívio: dados sobre os jovens de Tavares**

De forma geral, é perceptível a centralidade de sua convivência em torno do núcleo familiar, no qual acontecem as trocas afetivas entre pais e filhos e com aqueles sujeitos que se incorporam à família (namorados/as, maridos/esposas, netos, tios), agregados também para garantir o sustento por meio do trabalho compartilhado. A nuvem de palavras (Figura 1), apresentada a seguir, traz os termos mais usados nas entrevistas com os jovens. Podem-se visualizar as palavras «casa» e no seu entorno as referências a «pai», «mãe», «família», «irmão», «irmã», evidenciando o vínculo familiar; assim como a palavra «amigos» que indica a importância do círculo de amizades.

Ainda no centro da nuvem, há a menção em destaque a «Tavares» e a «cidade», pois mesmo os que moram nas zonas rural ou pesqueira têm o município como referência para encontrar pessoas e suprir necessidades como escola, abastecimento, trabalho etc.



Figura 1. Termos mencionados em relação aos lugares de convívio



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

A fala de uma jovem testemunha o relacionamento próximo cultivado entre os membros da família e com os moradores da cidade:

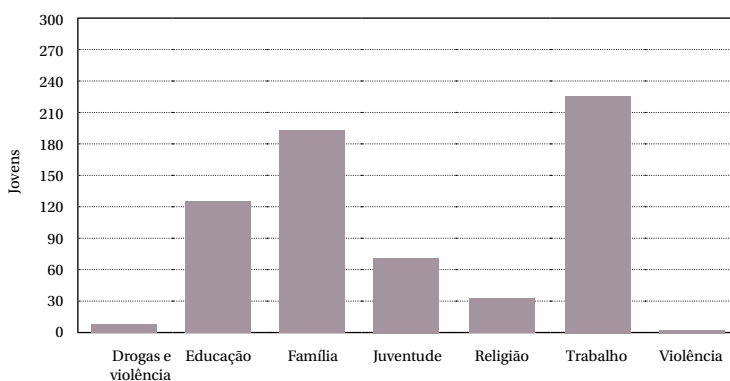
[...] a gente mora numa chácara. Então tem a casa da minha mãe, na do lado já tem a minha vó e no outro lado tem minha tia. Na mesma chácara, tem a divisão e do outro lado tem a irmã da minha vó. É tudo muito conhecido. Na chácara da frente [são] minhas primas, na do outro [tem] minhas tias. Então é tudo muito junto ali... todo mundo muito conhecido... todo mundo se conhece lá e aqui também em Tavares por ser uma cidade pequena (Entrevistada 1).

No que se refere aos ambientes de convívio, além do lar, há destaque para os termos «trabalho», «escola» e «grupo», neste caso porque muitos dos entrevistados fazem parte de atividades organizadas pela igreja católica, incentivados por um líder juvenil.

Por fim, cabe mencionar o lugar significativo ocupado pelos termos «internet», «celular», «WhatsApp», «Facebook», «computador», revelando que a convivência e as relações afetivas se estabelecem também pela mediação tecnológica, a qual será explorada mais adiante.

Por outro lado, na figura abaixo (Figura 2) é possível comprovar a centralidade do trabalho e da família na vida deles, tendo a educação como complemento de suas preocupações, pois grande parte dos entrevistados ainda está cursando o ensino médio ou planejando, mesmo que remotamente, realizar um curso superior à distância ou em alguma cidade vizinha. Outros temas surgem com menor importância, decorrentes muitas vezes das questões propostas na entrevista.

Figura 2. Centralidade dos temas mencionados



Fonte: Elaborado pelos autores no software NVivo (2017)

## Família: duplo motivo de convivência

Ao observar os termos relacionados à família, na nuvem a seguir (Figura 3), notamos que a convivência no núcleo familiar se dá envolvendo todos os membros, em especial a «mãe», o «pai», os «irmãos» e os «filhos», além de familiares como «tia» e outros relacionamentos afetivos como «namorado», lembrando que, em geral, eles constituem uma família estendida vivendo sob o mesmo teto. A presença das palavras «trabalho», «pesca», «cebola» revelam as práticas produtivas desenvolvidas em torno do núcleo familiar e que também alimentam o vínculo entre seus membros, através do esforço coletivo para manter a economia doméstica.

Essa perspectiva se alia à questão da moratória social, pois a convivência com os mais velhos, em especial os pais, proporciona preocupações com responsabilidades que não são próprias da fase juvenil. Nesse sentido, percebemos a influência do contexto urbano, pois nele os jovens convivem ainda mais com a família, colaborando e dividindo tarefas domésticas e profissionais com os pais, sendo também responsáveis pela renda familiar. A fala de um jovem é muito representativa desse contexto:

[...] quando eu não ia ajudar nas funções da agricultura com o meu pai, eu ficava em casa ajudando minha mãe, até depois do nascimento da minha irmã, pra que a minha mãe pudesse fazer as funções dentro de casa e aquela coisa toda... eu ficava com ela. Então, de uma maneira ou de outra, eu [es]tava ajudando. Quando tinha tempo e possibilidade, eu ia pra roça, pro cercado, ajudar eles (sic) na plantação, na colheita, seja lá o que fosse. E quando não dava, por conta de questão da minha mãe [precisar] de ajuda ou alguma coisa assim, eu ficava em casa com a minha irmã (Entrevistado 2).

Este cenário favorece o desenvolvimento de uma vinculação afetiva e de sobrevivência material. Esse funcionamento contribui também para que o «conflito de gerações» entre os membros das famílias seja minimizado, além de estabelecer a ligação entre as gerações através de ritos e tradições.

Figura 3 – Termos mais mencionados em relação à família



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

Notamos, mais uma vez, que as novas tecnologias e as redes sociais permeiam as relações e as práticas dos jovens na convivência com a família, conforme evidenciam-se nas palavras: «celular», «internet», «computador», incluindo em menor escala o «rádio».



## Educação: qualificação para o trabalho

O contexto da formação é permeado pelas palavras «educação», «escola» e «ensino», na nuvem abaixo (Figura 5), sendo que a escola é um grande referencial para eles, mesmo para os que já terminaram o ensino médio. O termo «faculdade» é assunto para alguns, pois estão na fase de cursarem o ensino superior, embora sejam poucos os que conseguirão atingir esse nível, em função da falta de recursos financeiros. A palavra «trabalho» está relacionada à educação, visto que muitos jovens procuram associar essas duas atividades, em busca de melhoria profissional, e outros porque deixam a escola por precisarem trabalhar para garantir as despesas familiares.

Figura 5. Termos mencionados em relação à formação escolar



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

As palavras «pai», «mãe» e «família» podem evidenciar o quanto a educação é um tema vivenciado no âmbito familiar, talvez como um projeto a seguir. Os termos «jovem», «juventude», «colega» e «amigos» podem indicar que a educação e a escola são contextos de convivências em que as relações entre eles se desenvolvem, sendo também questões experienciadas e compartilhadas nas suas relações sociais. Sobre o convívio entre esses jovens no ambiente estudantil, podem-se observar termos indicativos de práticas que o reforçam: «convivência», «futebol» e «esporte, conforme testemunha uma jovem:



A jovem relata, ainda, a liderança do coordenador do grupo de jovens e o engajamento que ele promove:

[...] uma vez ele ligou: ‘a gente vai lá na praia e tu tem que tá lá às 8h da manhã’(sic) ... 8h da manhã tava eu sentada, numa rodinha (sic)... Aquele vento, aquela areia... Todo mundo assim. Aí ele mandou a gente procurar uma coisa que servisse como cruz. Aí foi todo mundo procurar, como um bando de louco... assim, umas 20 pessoas na beira da praia procurando. E, pra quem vê isso, é estranho. Mas pra ele, era a ideia que ele tinha, e todo mundo foi junto. O que ele diz, todo mundo faz (Entrevistada 4).

Deduzimos que as lideranças religiosas mantêm certa coesão entre os jovens. Entre os entrevistados, os que participam de atividades religiosas demonstram ter maior preocupação com questões do coletivo. Em uma das incursões à cidade de Tavares, tivemos a oportunidade de acompanhar a festa do padroeiro, o que nos possibilitou acompanhar algumas das celebrações religiosas e ainda os encontros, nos quais se reuniam as famílias.

## A mediação tecnológica na convivência dos jovens entrevistados

Mesmo que as práticas sociais, desenvolvidas na convivência dos jovens com suas famílias, amigos, colegas de trabalho e da escola e no âmbito da religião, tenham a possibilidade do contato físico, pela proximidade que desfrutam, é significativa e constante a menção à mediação tecnológica. A internet e as redes sociais não são dissociadas dos comentários dos jovens sobre suas diferentes práticas.

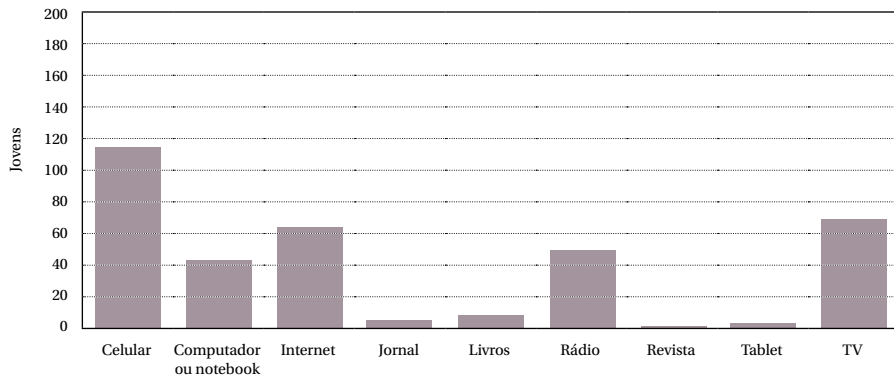
Eles mencionam primeiramente o celular, a TV e a internet, seguidas do rádio, do computador e do *notebook* (gráfico abaixo – Figura 7). Os meios impressos mencionados são livros escolares e, minimamente, jornal e revista, os quais têm a função de informar e não como meio de interação.

Observamos que a internet é, geralmente, acessada pelo celular, o que poderia aumentar os índices desse dispositivo, o mais utilizado por eles. Na nuvem a seguir (Figura 8), as palavras mais associadas a ele indicam que acessam através dele: «internet», «WhatsApp», «Facebook», «Instagram», «aplicativo», «televisão», «rádio», «jornal», «vídeo» e «música».

Por outro lado, os usos do dispositivo estão associados às palavras «mensagens», «comunicação», «informação», «fotos», «jogo», «contato», «trabalho», «aula», «conversa», sendo que os lugares de acesso indicados são «casa», «carro», «escola», para conectar-se especialmente com os «pais», «amigo» e «grupo».

Assim, além de estimular a convivência, o uso para o entretenimento também é significativo, tanto quanto a busca por informações relacionadas às atividades escolares e ao trabalho.

Figura 7. Meios de comunicação acessados



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

Um jovem comenta que com o WhatsApp, «[...] não precisa perder tempo ligando», pois a partir dele se comunica com família, amigos e resolve problemas de trabalho. Ele cita como exemplo o grupo da «gurizada» da escolinha de futebol onde dá aula: «[...] qualquer pessoa se atualiza pelo WhatsApp» (Entrevistado 5). Nesse mesmo sentido, o líder do grupo de jovens da igreja católica, testemunha: «[...] eu sou uma pessoa que uso muito celular porque eu me comunico com muita gente, né?!, a todo momento. Pensa, pra mim agilizar (sic) toda essa galera pra se reunir a gente tem que ter, né?» (Entrevistado 6).

Os entrevistados contam usarem o celular para se conectarem com quem está distante, mas acontece de usarem o aparelho para se falarem mesmo quando estão lado a lado. Observamos, durante a realização da pesquisa, alguns ficarem com a atenção direcionada ao celular, acompanhando o que os grupos que seguem estavam postando. O relato de um jovem, sobre o uso do celular e das redes sociais, confirma nossa percepção:

[...] o cara vai no (sic) Totta's porque é o lugar que atrai mais os jovens, né? O cara pode ver que pessoas sentadas na mesa, assim, e fica mexendo aqui, o outro mexendo ali... e dali a pouco olha[m] um pro outro, conversa[m] meia palavra e depois já volta já [...] é difícil o cara evitar... às vezes...o cara tá falando, daqui a pouco recebe uma mensagem e o cara já olha e assim vai... (Entrevistado 7).

Notamos também que essas mensagens, que os jovens recebem via celular e redes sociais, são compartilhadas entre os presentes, tornando-se objeto de interação entre eles. As práticas e os relacionamentos, através da mediação tecnológica, em especial o celular, tornam-se importantes para a sedimentação das características da fase juvenil, conforme comenta um jovem: «[...] juventude é a época [em] que mais se faz amigos, principalmente, pela questão tecnológica que favorece essa comunicação e no interior dura mais que na





dos entrevistados, estes sujeitos já faziam parte de suas vidas, pois não costumam acrescentar novos amigos através das redes digitais. Percebemos que as redes, então, servem tanto para nutrir o contato com os amigos quanto para prolongar, mesmo virtualmente, os encontros pessoais ocorridos nas poucas oportunidades de entretenimento dos quais desfrutam. Uma jovem relata o uso que faz das redes, nesse sentido: «[...] no Facebook, quando eu saio com os amigos geralmente rola uma foto e registro, posto. Leio informação dos outros e assim vai. No WhatsApp eu gosto mais de mensagem individual porque nos grupos tu está ali e ninguém te dá atenção» (Entrevistada 8).

Figura 9. Termos mencionados em relação aos usos da Internet



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

A internet permite que eles se conectem em tempo real, especialmente em se tratando dos que ocupam a maior parte de seu tempo com o trabalho, sendo que muitos residem em áreas distantes como a zona rural, a praia e a lagoa. Quanto aos respondentes que não trabalham nem estudam, realidade bastante frequente na cidade de Tavares (RS) pela baixa empregabilidade, estes mencionam ficar frequentemente conectados, na intenção de não perder nenhuma novidade.

Ainda deve-se considerar que seus ambientes de vivência oferecem pouca atratividade na área do entretenimento. Nesse sentido, a internet promove o contato com meios, dispositivos e redes sociais, passatempos de baixo custo, pois permite a conexão com amigos, conhecidos, familiares e com «o mundo».

Outra função significativa da internet, na vida deles, se refere ao âmbito do consumo. Tal função é pautada pelas palavras «compra», «comprou», «comprando», «comprei», «tê-

nis», «celular». As compras *online* de objetos variados (vestuário, tecnologia etc.) propiciam o encontro do produto procurado, a obtenção de um valor mais acessível, e o contato com comentários de outros compradores sobre o produto. Esse fato os conecta com indivíduos que não estão fisicamente ao alcance geográfico, mas a mediação tecnológica os coloca em conexão e os insere num contexto mais amplo de acesso a informações sobre os bens de consumo, conforme comenta um jovem: «[...] pela internet, costumo pesquisar em vários *sites*, leio toda a descrição dos produtos, como fiz para comprar o celular. Leio comentários sobre os produtos em *sites* e Facebook, para saber a qualidade da empresa» (Entrevistado 2).

No que diz respeito ao consumo de televisão (Figura 10) ressaltam-se os termos «família» e «casa», os quais indicam ser esta uma prática ainda realizada no âmbito doméstico e coletivamente, como testemunha uma jovem: «[...] à noite a gente olha televisão, a gente toma banho e fica na Internet... eu e meus pais e meu irmão» (Entrevistada 9). Destacamos que essa prática já estava configurada na pesquisa PBM (SECOM, 2016), a qual registrou que, dos jovens de 18 a 24 anos, 72% assistem à televisão durante todos os dias da semana. Isso não significa que em alguns momentos o façam sozinhos, como indicam as palavras «celular», «internet» e «computador», pois os jovens acessam seus conteúdos através deles, assim como citam que utilizam esses dispositivos enquanto assistem à televisão. Uma jovem conta que complementa o conteúdo televisivo por meio da internet e das redes sociais: «[...] às vezes, quando eu quero saber alguma coisa... tipo, se dá (sic) na televisão, aí diz assim: em tal *site* tem mais... Aí eu procuro» (Entrevistada 4).

Figura 10. Termos mencionados em relação aos usos da televisão



Assim como no caso da televisão, os jovens evidenciam ouvir o rádio (Figura 11) também no ambiente doméstico, revelado igualmente pelas palavras «casa» e «família». Um jovem demonstra que o consumo radiofônico é um hábito familiar: «[...] em casa, ouço muito. Por causa do meu pai... Ele sempre deixa o rádio alto ligado e... sei lá... eu acho que o rádio é uma maneira de comunicação muito legal» (Entrevistado 5).

Este meio está relacionado à «internet», ao «celular» e ao «computador» porque o acessam através deles, o que indica que também o consomem individualmente. Tal aspecto também é reforçado pela PBM (SECOM, 2016), pois registra que os jovens entre 18 a 24 anos costumam ouvir rádio diretamente pelo aparelho (47%), pelo celular (34%) ou no carro (11%). A PBM (SECOM, 2016) demonstra, no entanto, que, conforme a faixa etária aumenta, os respondentes têm cada vez mais interesse em ouvir a rádio em equipamentos tradicionais. Em relação à frequência de uso dos jovens de 18 a 24 anos, 65% dizem ouvir mais rádio durante a semana, 26% mais aos finais de semana e 10% comentaram que ouvem igualmente entre segundas e sextas-feiras e aos fins de semana.

Figura 11. Termos mencionados em relação aos usos do rádio



Fonte: Elaborado pelos autores no *software* NVivo (2017)

Por outro lado, o fato de relacionarem «cidade», «Tavares» e «município» sugere que ouvem a emissora local e que os conteúdos mais relevantes dizem respeito a esse contexto.

## Considerações finais

Ao longo do trabalho de campo, ocorrido em duas oportunidades, percebemos que os dispositivos tecnológicos e as redes sociais digitais, inseridos nas vivências dos jovens, proporcionam significativas modificações em suas relações, estimulando novas sociabilidades e diferentes maneiras de inserção social. Martín-Barbero (2010, 2014) observa que a tecnologia se torna mediadora das relações pessoais, contribuindo de forma importante para a manutenção de laços, vínculos, crenças e costumes, e colaborando para a sustentabilidade cultural no contexto de vivência.

A mediação tecnológica promoveu além da possibilidade de maior conexão dos jovens de Tavares com seu ambiente local, também seu contato com o mundo, mesmo que em menor escala. Isso ocorreu de tal forma que eles não se sentem à margem do que acontece no contexto global, pois não estão desprovidos da internet e dos dispositivos para acessá-la, assim como têm aptidões para utilizá-los com competência. A tecnologia para eles «não é uma máquina, mas uma tecnicidade cognitiva e criativa» (Martín-Barbero, 2010: 30), a qual lhes concede recursos para ultrapassar as limitações que a cidade oferece e ampliar suas condições de educação, trabalho, entretenimento, competência profissional etc., desenvolver novas ritualidades e aprimorar suas sociabilidades.

Os meios de comunicação tradicionais e, principalmente, os digitais, esses com seus vários dispositivos que de acesso às redes sociais, permitem a vinculação dos jovens com o mundo e entre si, seja com amigos e pessoas com quem têm relacionamentos afetivos, seja com conhecidos e com contatos esporádicos, implementando novas e velhas experiências.

É nítida, portanto, a contribuição da mediação tecnológica para as práticas e convivências sociais desses jovens em vários âmbitos de sua vida social e familiar. Percebe-se ser através dela que os jovens conseguem manter a vivência de suas características juvenis, recriando formas de ser e se relacionar, apesar da rotina permeada de responsabilidades antecipadas, especialmente com o trabalho, o auxílio no sustento da família, e também da que muitos já começam a constituir. Se a moratória social os atinge, pelas circunstâncias de escassez de recursos financeiros e de formação para desenvolverem-se profissionalmente no mercado local, produzindo um processo precoce de tornarem-se adultos, por outro lado, o uso das ferramentas de comunicação digital de certa forma os devolve para o universo juvenil.

Além disso, é interessante notar, por outro lado, a frágil fronteira que estes jovens vivem entre a vida adulta, permeada de responsabilidades e atividades típicas da fase, e o impulso juvenil de participarem do universo de consumo midiático e do uso das redes, como o fazem majoritariamente aqueles que não foram atingidos pela moratória social, como são os de estratos mais aquinhoados e vivendo em cidades de maiores recursos. Também, é visível a dupla experiência que vivem por habitarem uma cidade a qual proporciona um concreto contexto rurbano, quer pela contiguidade entre os dois universos, quer pela questão de mercado de trabalho, o que os obriga a pertencerem aos dois contextos.

## Referências

- BONFIL BATALLA, G. (1990). *México profundo: Una civilización negada*. México: Grijalbo.
- BOURDIEU, P. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- BURKE, P. (2003). *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos.
- CASTELLS, M. (1999). *Sociedade em rede: A era da informação*. São Paulo: Paz e Terra.
- CIMADEVILLA, G. (30.4.2008). ¡Bienvenidos a la rurbanidad! *Página 12*. Recuperado de: <https://www.pagina12.com.ar/diariolaventana/26-103315-2008-04-30.html>.
- CIMADEVILLA, G. (2010). «La cuestión rurbanda: apuntes para una entrada comunicacional». *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 33(2), 73-85.
- CIMADEVILLA, G. (2014). «Las formas de la rurbanda: anuncios e imágenes». Ponencia presentada al 12vo Congreso de Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, Lima.
- CIMADEVILLA, G. e CARNIGLIA, E. (2009). *Relatos sobre la rurbanda*. Río Cuarto: UNRC.
- CIMADEVILLA, G., DEMARCHI, P. e GALIMBERTI, S. (2011). «La rurbanda ausente: visibilidades e invisibilidades mediáticas». *Signo y Pensamiento*, 30(58), 206-218.
- COMTE-SPONVILLE, A. (2003). *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes.
- DE CERTEAU, M. (1994). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ECHEVERRÍA, J. (1999). *Los señores del aire: Telépolis y el tercer entorno*. Barcelona: Destino.
- GALIMBERTI, S. A. e CIMADEVILLA, G. (2016). «La máquina de ilusionar: rurbanda, intervención sociotécnica y condiciones de vulnerabilidad». *Redes*, 22(43), 93-123.
- GALPIN, C. J. (1918). *Rural life*. New York: The Century Co.
- GASPAR, L. (2011). *Quilombolas. Pesquisa Escolar Online*. Recuperado de: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>.
- GIDDENS, A. (2003). *A constituição da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- IBGE (2010). *Censo 2010: Rio Grande do Sul*. Recuperado de: [https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_rio\\_grande\\_do\\_sul.pdf](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_rio_grande_do_sul.pdf).
- IBGE (2017). *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação*. Rio de Janeiro: IBGE.
- JACKS, N., TOALDO, M. e OIKAWA, É. (2016). «Práticas culturais e ciberculturais: para pensar a relação com as tecnologias». *E-Compós*, 19(1), 1-16.
- JACKS, N., MACHADO TOALDO, M., SCHMITZ, D., MAZER, D., OIKAWA, E., NOLL, G., HASTENPFLUG WOTTRICH, L., DA SILVA, R.T. e MORALEJO, S. (2015). «Pequeno relato de um grande esforço: 'jovem e Consumo midiático em tempos de convergência'». *Revista Contemporânea*, 13(1), 1-26.
- MARGULIS, M. e URRESTI, M. (2008). «La juventud es más que una palabra». En *La juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos.
- MARTÍN-BARBERO, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana.

- MARTÍN-BARBERO, J. (2003). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2010). «Comunicación y cultura mundo: Nuevas dinámicas mundiales de lo cultural». *Revista Signo y Pensamiento*, 29(51), 20-34.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2014). «Diversidade em convergência». *Matrizes*, 8(2), 15-33.  
Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/90445/93215>.
- Mídia Dados Brasil* (2017). São Paulo: Grupo de Mídia de São Paulo.
- SECOM (2016). *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom.
- STONES, R. (2010). «Ação e agência». En J. Scott, *Sociologia: Conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SODRÉ, M. (2006). *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes.
- TOALDO, M. e JACKS, N. (2014). «Juventude? De que juventudes estamos falando?». En M.I.M. Almeida y F.D.B. Lima, *Juventude: Consumo, mídia e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Gramma. (Subjetividades Juvenis na Contemporaneidade, 3).
- TRIMANO, L. (2012). «El objeto de estudio de la comunicación, el sentido de la ruralidad y las nuevas ruralidades en la sociedad contemporánea». *Fonseca, Journal of Communication*, 5, 68-89.
- VERÓN, E. (1997). «Esquema para el análisis de la mediatización». *Revista Diálogos de la Comunicación*, 48, 9-17.

